

Resenha crítica do livro “Freakonomics - O lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta” de Steven D. Levitt e Stephen J. Dubner - 2005

O livro nasceu do encontro de Steven D. Levitt, economista da Universidade de Chicago formado em Harvard e Ph.D. no MIT, e Stephen J. Dubner, psicólogo fascinado pelo trabalho de Levitt. A admiração por parte de Dubner vem do fato de Levitt ser bastante excêntrico e ser capaz de fugir do raciocínio tradicional em economia, é capaz de fazer perguntas diferentes sobre temas diversos que levam a informações não convencionais, inusitadas e divergente do senso comum.

Ao longo da leitura algumas dessas perguntas novas e que ninguém sabe a resposta de imediato são feitas ao leitor, o que instiga a curiosidade de testar conhecimentos tão engessados e informações dadas como incontestáveis. Muito da confusão que todos nós fazemos ao analisar um acontecimento é confundir coincidência e correlação, coisas que andam juntas por motivos diferentes e com coisas vinculadas por causa e efeito. O intento das páginas é “desviciar” nosso olhar ao tentar entender a trajetória de qualquer situação, sendo mais críticos e desconfiados.

Logo na introdução, somos defrontados com o problema do porquê, contra todas as previsões e expectativas dos melhores economistas, criminólogos e cientistas políticos, a criminalidade nos Estados Unidos em meados dos anos 90 não explodiu, tendo, na verdade, baixado de forma generalizada. Automaticamente pode-se pensar em algumas políticas a que foram atribuídas imediatamente as causas da queda, como as inovadoras estratégias da polícia ou o maior rigor no controle de armas ou até mesmo um medo maior de ser efetivamente preso. De fato, tais fatores contribuíram para a redução da criminalidade na época, mas não com o peso que se acredita a eles. Então nos é apresentada Norma McCorvey, ou melhor, Jane Roe, uma mulher pobre, usuária de álcool e drogas que aos 21 anos estava grávida pela terceira vez e que queria abortar. Como morava no Texas dos anos 70 e lá o procedimento era ilegal, Norma entrou na Justiça e depois de meses de disputa conseguiu que o aborto fosse legalizado em todo os Estados Unidos. Norma McCorvey aparentemente não tem nada a ver com a criminalidade dos EUA dos anos 90, aliás, existe um vácuo de 20 anos entre as duas e, de forma direta, não tem mesmo.

Para conseguir visualizar em que ponto as duas situações se encontram é preciso pensar nos motivos pelos quais ocorre um aborto e pode-se imaginá-los sabendo que o perfil da mulher que foi ajudada por Norma era pobre, solteira e menor de 20 anos. Crianças nascidas em lares instáveis possuem chances muito maiores de se tornarem criminosas quando mais velhas. Norma, sem querer, abriu as portas para que milhares de abortos fossem realizados e que, portanto, milhares de jovens adultos dos anos 90 simplesmente não existissem, jovens que teriam grande potencial para o crime. Além dessa história, nos são apresentados dados estatísticos que ajudam a desmistificar a influência das diversas variantes comumente usadas para justificar a calmaria.

Em paralelo, seguindo a mesma lógica, os autores comparam esse caso com a Romênia comunista sob o comando do ditador Ceausescu, que durante seu governo tornou o aborto ilegal no intuito de fazer crescer a força de trabalho do país no futuro. Como

consequência de decisões megalomaniacas, desplanejadas e opressoras, os jovens fruto das gestações que possivelmente não viriam a chegar ao nono mês cresceram em um país pobre, desorganizado e que servia a uns poucos. Essa massa enfurecida se rebelou e fuzilou seu ditador. A forma como o assunto é abordado é bastante apropriado já que em nenhum momento os escritores incentivam ou desestimulam essa prática polêmica, o foco não é discutir se é bom ou ruim, se deveria ser proibido ou não, apenas usam esse exemplo como substância para afirmar que algumas decisões podem trazer consequências não previstas depois de anos.

Outra pergunta apropriada seria por que as pessoas tornam-se criminosas. Uma das informações mais curiosas apresentada é que o crime se organiza tal qual o McDonald's porque a lanchonete e o tráfico proveem péssimas condições de trabalho e salários baixos, e ao segundo se soma o risco de prisão, lesão e morte. Nessas corporações, pouquíssimos membros ganham dinheiro o suficiente para superar os revezes intrínsecos à atividade, como em uma pirâmide, uma grande massa sustenta alguns no topo. Mesmo assim o mundo do crime absorve grande parte dos jovens que vivem em condições de baixa renda, escolaridade e assistência. O que é tão atraente nesse meio é justamente a possibilidade de se tornar um escolhido, é incrivelmente difícil subir na escalada ao topo e é preciso se destacar muito, mas os que conseguem são muito bem recompensados.

Nesse sentido, o livro poderia ter explorado melhor o que leva alguém a trabalhar no McDonald's, sabendo que as possibilidades de crescimento são desanimadoras e nada glamourosas. Seria a possibilidade do primeiro emprego? Ou uma empresa que se aproveita do desespero alheio?

Isso leva a um outro tópico abordado, os incentivos. Como dito por diversas vezes ao longo do livro, é realmente difícil definir um tema que unisse todo o seu conteúdo. Talvez o que mais se aproximaria de resumir tudo seria o incentivo. Nesse ponto o texto é muito inteligente, permitindo uma reflexão sobre basicamente toda e qualquer decisão já tomada na vida. Por meio de diversos exemplos somos convencidos de que todos são potencialmente corruptíveis, basta fornecer o estímulo certo. A sociedade inibe as oportunidades de dolo por meio de três tipos de coerção, a econômico, a social e a moral, que podem ser combinadas, e confrontamos com os possíveis benefícios gerados. De forma Pavloviana, somos condicionados e moldados a partir do meio, das consequências possíveis impostas para cada ato, e a cultura de um povo tem um peso maior do que se imagina no cotidiano, mas nem ela está imune de ser corrompida.

Nem uma sociedade que é tida como exemplo de disciplina e honestidade é impermeável à corrupção, como a japonesa. O sumô é um esporte tradicional japonês ligado à religião, militarismo e história nipônica. Justamente por ser uma competição que envolve honra e muito dinheiro existem acordos entre os atletas feitos de forma extraoficial como entregar uma luta, ou seja, os incentivos são suficientemente grandes para que um japonês arrisque sua integridade. Entretanto é difícil para um japonês admitir de que isso ocorra efetivamente, a cultura nesse caso é um entrave para que o esporte seja mais transparente. Nenhum japonês está disposto a reconhecer que o sumô, seu esporte quase sagrado, é corrupto.

Os incentivos também conseguem explicar o pouco esforço de agentes imobiliários em conseguir vender uma casa por, digamos, 5% mais do que a primeira oferta razoável. Parece evidente para nós que um corretor de imóveis queira vender uma casa pelo maior preço possível, afinal, isso aumenta sua comissão, mas não é bem assim que acontece. O

incentivo é parco pois ganharão uma pequena porcentagem do pequeno aumento do preço de venda. O livro foi importante para confirmar algo que desconfiava e seguir um conselho me dado uma vez, “nunca confie em alguém que ganha comissão”.

Algumas idéias se perdem se pensarmos nos incentivos dados, como exemplo é citado a campanha de desarmamento que tem em vista a diminuição de mortes e crimes relacionados a armas de fogo. As pessoas que tem objetivo de realmente usar uma arma dificilmente vão trocá-la por um pouco dinheiro, as que contribuem para a campanha não contribuiriam de forma expressiva com as estatísticas.

Outra situação envolvendo armas é a constatação não óbvia de que, estatisticamente, é mais seguro para as crianças ter um revólver em casa que uma piscina. Algumas notícias são mais impressionantes que outras, muitas vezes isso é causado pela imagem positiva preconcebida, como associarmos piscina a lazer, família e diversão é complicado acreditar que ela pode trazer tantos riscos. O que nem sempre levamos em consideração que é preciso pouco tempo de distração para que uma criança vá silenciosamente para o fundo da piscina e não volte. Já uma criança que morre por um tiro acidental dado por si mesma tende a ser mais alarmante e chocante que um afogamento. Mais uma vez nossa intuição nos confunde.

Analogamente às armas, a KuKluxKlan conseguiu estabelecer uma fama maior do que seus feitos. Por meio de dados que cruzam os períodos de atividades da organização racista e eugenista com os ataques de cunho preconceituoso a pessoas negras e o relato de um espião que se infiltrou na KKK, o livro prova que o grupo mais falava que fazia, era pura fama, suas ameaças raramente se concretizavam e seus membros eram um tanto quanto infantis e frustrados. A KKK ficou famosa após alguns casos amplamente divulgados de estupro, espancamento, o que foi o bastante para que toda uma imagem de impiedosos e assombrosos lhes fosse associada. O segredo para essa fama era, curiosamente, o próprio segredo. Ser uma organização secreta, com reuniões feitas na surdina contribuiu muito para que ninguém soubesse o que ocorria na organização e o mais importante nisso tudo é que quanto menos informação se tem sobre algo, mais especulação existe e mais lendas se criam. De forma semelhante a mídia pode ser um grande perigo quando é superficial, sensacionalista e tendenciosa. Assim, muita informação é vendida como verdadeira e compramos sem refletir muito sobre, é mais conveniente simplesmente acreditar.

A fama pode ser tão sutilmente poderosa que influencia até na hora de ser pai. Uma das etapas mais valorizadas ao se tornar pai ou mãe é nomear um filho. Tendemos a acreditar que o nome pode predizer o futuro de uma criança, que pode dar sorte ou determinar se o filho vai ser mais feliz, bonito ou rico, tudo depende do nome certo. Os autores gastam quase um capítulo comparando os nomes mais comuns dados às crianças nascidas nos EUA entre a população de alta e baixa rendas durante décadas. É o caso mais fácil de entender e acreditar que causa e efeito se confundem e de como nos agarramos a algumas superstições sem perceber. Credita-se ao nome de batismo um valor superestimado, então os pais tendem a denominar sua prole como se isso determinasse seu destino. Prova-se por meio de listas de dados de nomes que estes são passados das classes mais ricas, entendidas como as mais bem sucedidas, para as classes menos afortunadas. A informação mais ilustrativa desse assunto é o caso Britney Spears, cujo nome foi bastante popular entre suas contemporâneas, então leva-se a crer que de fato foi uma escolha acertada o nome Britney. No entanto, o que é realmente relevante é que com

tantas Britneys, a chance de uma estourar de sucesso era grande. Da mesma forma, uma reflexão pouco profunda induz a achar que atores de que possuem nomes artísticos só se deram bem após adotá-los, como se seus nomes originais não fossem trazer a mesma sorte. É possível que nunca se saiba se Norma Jean Baker faria a mesma fama que Marilyn Monroe, porém, saber que quando uma pessoa está disposta a mudar o próprio vocativo isso indica um esforço e dedicação muito grande para fazer dar certo. Essa dúvida é provável que se mantenha, já que os artistas esforçados que mudaram de nome e fracassaram nunca chegaremos a conhecer.

Ainda sobre os nomes comuns, há uma diferença clara entre os mais escolhidos entre negros e brancos nos EUA, atribuindo tal comportamento a uma cultura de afastamento e segregação entre eles e busca de uma identidade negra. Seria perspicaz fazer um paralelo com o Brasil, no sentido de que parece não haver diferença entre nomes de negros e brancos, mas quem nunca ouviu alguém destilando ignorância ao afirmar que “fulana tem nome de empregada”, ou “cicrano tem nome de porteiro”, levando a crer que o problema por aqui é mais econômico. Considerando que a população negra brasileira é mais pobre, seria possível constatar por meio de dados estatísticos “nome de negro”, ou mesmo “nome de pobre”? Isso talvez contribuísse para entender melhor o preconceito racial tão subestimado por aqui.

O livro, no geral, possui uma linguagem fácil e acessível, qualquer pessoa de qualquer área é capaz de entender. A todo momento a nossa intuição é testada, o livro consegue ser de certo modo interativo dando um panorama geral de um assunto e induzindo ao conhecimento convencional, mas logo em seguida desconstrói tudo baseado em dados volumosos e sempre comparando com situações praticamente idênticas a não ser por um fator, justamente para analisar a força desse fator e influência no todo.

A maior contribuição de ter lido esse livro, sem dúvida, foi duvidar mais das informações que chegam até mim, ganhei um pouco mais de malícia. Numa época de redes sociais e disseminação indiscriminada de conteúdo é útil saber que muitas das correlações feitas podem estar equivocadas e que isso pode ser usado para fins maléficos.

PTC 3214 - Realidade e Probabilidade
Professor Juan Soto
Túlio Bicego Vieitez de Almeida - 9052609